

**PONTOS DIVERGENTES ENTRE OS SISTEMAS VERBAIS INGLÊS E PORTUGUÊS
NO QUE RESPEITA ÀS CATEGORIAS MORFOLÓGICAS DO VERBO**

SUSANA FIDALGO LOPES *

* Professora Adjunta da ESEV

Abstract

No âmbito da linguística contrastiva, nós, professores, apercebemo-nos com frequência que muitas das dificuldades sentidas pelos alunos no processo de aprendizagem duma língua estrangeira têm por base uma nítida interferência da língua materna. Refiro-me concretamente à aprendizagem do aspecto gramatical e muito em particular à questão verbal, já por si só bastante polémica. A justificação deve-se ao facto do sistema de Tempos Gramaticais e Aspecto da língua estrangeira em causa - neste caso o Inglês - não coincidir com o sistema utilizado na nossa própria língua - o Português. A comprová-lo, um estudo a nível conceptual possibilita uma análise contrastiva de três categorias morfológicas do verbo - Tempo Gramatical, Aspecto e Modo - procurando fundamentalmente encontrar e perceber as divergências existentes neste domínio entre os dois sistemas verbais referidos.

Como é do conhecimento geral, todas as línguas são diferentes e, por isso, uma distinção gramatical que exista numa pode também existir, não existir ou existir de maneira diferente noutra. Diz-nos Lewis (1986) que este facto não nos deve preocupar nem surpreender. E, na realidade, se pensarmos nas duas línguas em causa - o Inglês e o Português - constatamos que assim é.

Categoria do Tempo Gramatical

Teoricamente, ou seja, a nível da definição de conceitos, não há diferenças a salientar. Começando pela categoria morfológica do tempo, sabemos que ela

" (...) exprime, no modo de enunciação experiencial, a ordenação do intervalo de tempo que contém o estado de coisas descrito por uma predicação relativamente ao intervalo em que ocorre a enunciação da mesma (...)"

(Mira Mateus et alii, 1983: p.104)

Porém, ao nível da concretização prática dos dois sistemas verbais, torna-se evidente, desde já, um primeiro ponto divergente: enquanto que em Inglês constatamos a existência de dois tempos gramaticais básicos - Presente e Passado - estando o futuro estritamente ligado à categoria do modo¹, em Português os autores são unânimes em indicar três tempos gramaticais primários²- Presente, Passado ou Pretérito e Futuro -, tempos

" (...) que exprimem uma ordenação do intervalo de tempo que contém o estado de coisas descrito relativamente ao intervalo de tempo em que ocorre a enunciação definida, respectivamente, pela relação de simultaneidade, anterioridade e posterioridade."³

(Mira Mateus et alii , 1983: p.104)

No fundo, isto significa que:

- o presente é usado em referência a factos que se situam no momento em que se fala ou escreve;
- o passado (ou pretérito) utiliza-se no caso de factos anteriores ao momento da fala;
- o futuro indica factos posteriores ao momento da fala, isto é, factos ainda não realizados.

Sabemos que o tempo gramatical está em relação com o tempo lógico, mas, tal como acontece na área da língua inglesa, também no Português nem sempre essa relação é directa, ou seja, nem sempre há uma coincidência exacta entre ambos, pois, por vezes, segundo Nunes et alii (1981: p.127) emprega-se:

- o presente com valor de pretérito
- o presente com valor de futuro
- o imperfeito com valor de presente
- o futuro em vez do presente

Categoria do Aspecto

Para além de diferenças no que respeita ao tempo gramatical, encontram-se também divergências relativamente à categoria do aspecto. Línguas diferentes têm aspectos diferentes e, sendo assim, não é

possível fazer com que o sistema aspectual duma língua se ajuste ao de outra. Na realidade, há uma incompreensível subalternização do aspecto nas gramáticas do Português, até porque a nossa língua é das poucas em que se encontra lexicalizada a oposição aspectual "ser" (passiva da acção)/ "estar" (passiva do estado). No entanto, os autores que o referem definem-no como:

" (...) o modo como é apresentado o desenrolar ou o acabar do processo em desenvolvimento."

(Nunes et alii, 1981: p.130)

" (...) ' uma categoria gramatical que manifesta o ponto de vista do qual o locutor considera a acção expressa pelo verbo'. Pode considerá-la como concluída, isto é, observada no seu término, no seu resultado; ou pode considerá-la como não concluída, ou seja, observada na sua duração, na sua repetição."

(Celso Cunha e Lindley Cintra , 1986 : p.380)

Porém, embora seguindo na mesma linha de pensamento das anteriores, a mais completa e elucidativa definição que me foi dado encontrar face à bibliografia consultada neste domínio, é, sem dúvida, a apresentada por Mira Mateus et alii (1983: p.125) que refere o aspecto como:

" (...) a categoria que exprime o modo de ser (interno) de um estado de coisas descrito através de expressões de uma língua natural, (i) por selecção de um predicador pertencente a uma dada classe; (ii) por quantificação do intervalo de tempo em que o estado de coisas descrito está localizado e/ou (iii) por referência à fronteira inicial ou final desse intervalo, ou a intervalos adjacentes."

Deste modo sucinto , as autoras traduzem, pois, a opinião generalizada entre os estudiosos deste assunto de que o valor aspectual dum dado enunciado em Português se encontra em função da classe aspectual a que pertence o predicador que nele ocorre (i) e da sua forma aspectual (ii), (iii). Quanto à primeira, a classe aspectual, importa considerar a divisão tripartida entre Pev (evento), P proc (processo) e Pe (estado).⁴ Em relação à segunda, a forma aspectual, encontramos-a claramente sistematizada através do seguinte esquema (Mira Mateus et alii, 1983: pp.133-134):

Pontual
Incoativo
Causativo
Inceptivo
Conclusivo
Cessativo
Valores Aspectuais Durativo Cursivo
Permansivo
Iterativo
Frequentativo
Habitual
Gnómico
Acabado
Inacabado 5

Em síntese, entre os processos de que a língua portuguesa dispõe para exprimir a categoria do aspecto, processos lexicais e gramaticais⁶, aqueles que particularmente aqui referi dizem respeito aos primeiros, na medida em que têm a ver com a classe aspectual do predicador e com a distinção entre estados, processos e eventos, mas incluem-se, sobretudo, nos segundos, nomeadamente na área reservada às formas verbais (p.ex.: andou / andava / tem andado...), onde a desinência que serve para marcar o tempo e a pessoa, marca também o aspecto.

Face ao que ficou dito até ao momento, que concluir, pois, dum possível contraste entre os sistemas aspectuais das duas línguas em causa ?

O sistema inglês é, logo à partida, muito mais específico. Quero com isto dizer que, para além de também poder expressar noções aspectuais do tipo 'iterativo', 'pontual', 'habitual', entre outras, a sua principal característica consiste no facto de se dividir em dois aspectos básicos e dominantes: 'Perfect' e

'Progressive'.⁷ Quando se fala em 'aspecto' no âmbito da língua inglesa, são essas, sem dúvida, as noções que de imediato nos vêm à mente e que se interrelacionam com as outras categorias morfológicas - tempo e modo - de maneira a constituírem a diversidade de formas verbais que conhecemos na língua.⁸

O sistema português, por seu lado, caracteriza-se por ser mais geral, mais abrangente e mais igualitário. Não dispõe de dois aspectos primários que se salientem dos restantes valores aspectuais, embora os autores se refiram unanimemente a duas áreas distintas: a das acções concluídas, observadas no seu término e a das não concluídas, encaradas do ponto de vista da sua duração. Contudo, ambas se distribuem por um leque considerável de possibilidades aspectuais, todas colocadas ao mesmo nível, ou seja, disfrutando da mesma importância no sistema da língua em que se encontram inseridas. A intersecção entre cada uma delas e as categorias do tempo gramatical e do modo é também uma realidade na língua portuguesa. Porém, enquanto que em Inglês e no que respeita ao 'Simple Past' e ao 'Present Perfect' se nos centrarmos no âmbito do passado, por exemplo, apenas o segundo exprime a intersecção entre tempo linguístico e aspecto ('Present Tense'+ 'Perfect Aspect'), encontrando-se o primeiro inteiramente à margem desta última categoria, em Português a oposição passado 'perfeito' / passado 'imperfeito' traduz, em geral, a distinção aspectual 'acabado vs. inacabado', quando o estado de coisas descrito é um processo ou um evento, associada à distinção 'ocorrência singular' / 'ocorrências plurais' do referido processo ou evento. Sendo assim, e tentando desdobrar as formas verbais nos seus elementos constituintes, para mais facilmente entendermos o que se passa quanto a esta interrelação, obtemos o seguinte :



Categoria do Modo

Resta-me, por último, tecer algumas considerações quanto à categoria do modo que, como sabemos, indica:

"(...) a maneira por que se realiza a acção expressa (pelo) verbo."

(Napoleão Mendes de Almeida, 1979: p. 225)

"(...) maneira como o emissor considera o processo ou o estado expresso pelo verbo."

(Nunes et alii, 1981: p. 123)

Nas palavras de Mira Mateus et alii (1983: p.143), as modalidades são precisamente:

"(...) categorias gramaticais de expressão da atitude do locutor, quer em relação ao conteúdo proposicional ou valor de verdade do seu enunciado, quer em relação ao alocutário a quem o enunciado se destina."

De facto, ainda segundo o seu ponto de vista (que aliás corresponde à opinião generalizada), todo o enunciado, enquanto prática linguística em interacção, apresenta um determinado grau de modalização, que consiste numa modificação introduzida pelo locutor ao nível da predicação como resultado das condições postas à sua realização e da relação entre os elementos envolvidos na produção: locutor, alocutário, espaço, tempo, discurso anterior, universo de referência (ver Mira Mateus et alii, 1983: p.143). Sendo assim, diferentes tipos de relação originam necessariamente expressões diferentes ao nível do enunciado.⁹

Em ambas as línguas - Inglês e Português - existem duas maneiras de expressar a modalidade:

1) Modos verbais

2) Verbos modais

No que respeita aos primeiros, os 'modos verbais', o verbo exprime a relação modal entre locutor e estado de coisas; logo, o seu emprego está ligado ao tipo de actos ilocutórios em que se inserem. Tradicionalmente consideram-se três modos: Indicativo, Conjuntivo e Imperativo¹⁰, sendo o Indicativo aquele em que o locutor reconhece o estado de coisas como necessário ou com um grau elevado de probabilidade.¹¹Tanto em relação à língua inglesa, como na área do Português, o Indicativo é considerado como um modo não marcado quanto à expressão da atitude ou da relação entre locutor, alocutário e universo de referência, por contraste com o Imperativo e o Conjuntivo, estes sim, marcados devido à sua modalidade. Por isso, ocorre normalmente em frases simples e na oração subordinante de frases complexas factuais.¹²

Quanto aos segundos, os 'verbos modais' (ter de / que, haver de / que, dever, poder) por não se incluírem no âmbito deste estudo, gostaria apenas de mencionar que constituem, só por si, modalidades lexicalizadas.¹³

Conclusão

Em suma, procurei salientar ao longo deste artigo os pontos divergentes entre os sistemas Inglês e Português relativamente às categorias morfológicas do verbo. Assim, foi-me dado constatar que eles existem ao nível do tempo gramatical (dois tempos gramaticais básicos ingleses para três portugueses) e ao nível do aspecto (dois aspectos primários ingleses para um sistema aspectual português mais vasto e

igualitário). Porém, no respeitante à categoria do modo e, tendo em conta o que acabei de expor, não encontrei diferenças dignas de realce entre os sistemas em causa .

Bibliografia

ALMEIDA, N.M.de "Gramática Metódica da Língua Portuguesa", 28ª ed., rev., Edição Saraiva , 1979

CUNHA, C.; L. Cintra "Nova Gramática do Português Contemporâneo", 3ª ed., Edições João Sá da Costa, 1986

FISIAK, J. (ed.) "Contrastive Linguistics and the Language Teacher", Pergamon, 1981

FONSECA, S.F. "Da Problemática do EFL - O Ensino/Aprendizagem de Contrastes Verbais no Âmbito do Passado", Tese de Mestrado, Universidade de Aveiro, 1990

LEECH, G.; J. Svartvik "A Communicative Grammar of English", Longman, 1975

LEWIS, M. "The English Verb: An Exploration of Structure and Meaning" Language Teaching Publications , 1986

LYONS , J. "Introduction to Theoretical Linguistics", C.U.P., 1975

MATEUS , M. et alii "Gramática da Língua Portuguesa", Almedina, 1983

MURPHY , R. "English Grammar in Use", C.U.P., 1985

NUNES , C. et alii "Nova Gramática de Português", Didáctica Editora, 1981

1 Para uma análise aprofundada do funcionamento do sistema verbal inglês relativamente a estas questões muito concretas , ver S.Fidalgo Fonseca (1990 : cap. I , secções 3 e 5) Tese de Mestrado , Universidade de Aveiro

2 Ou " tempos naturais ", para usar a terminologia de Mira Mateus et alii (1983 :p.104) e Celso Cunha e Lindley Cintra (1986: p.379)

3 Para além deste Modo de Enunciação Experiencial (o que mais nos interessa neste contexto por ser o tipo de enunciação característico da interacção verbal) , onde se distinguem duas espécies de ordenação temporal - uma mais simples (a que acabei de referir) e outra mais complexa (já fora do âmbito deste estudo) -, as autoras salientam ainda o Modo de Enunciação Narrativo (característico dum certo tipo de discurso escrito) , o sistema de adverbais temporais relativamente a cada um dos modos de enunciação e a localização e ordenação temporal do discurso relatado ou indirecto , pontos sem dúvida ,

importantes dentro da panorâmica geral do tempo gramatical como categoria linguística, mas que seria despropositado desenvolver aqui, dado os limites deste estudo.

4 Para mais informações sobre cada uma das três classes aspectuais do predicador e o modo de as distinguir, ver Mira Mateus et alii (1983 : pp.126-127) .

5 Apenas Mira Mateus et alii (1983) utilizam os termos Acabado/Inacabado. Nunes et alii (1981) , por exemplo , referem-se à mesma distinção aspectual servindo-se das designações Perfectivo/Imperfectivo , respectivamente e Celso Cunha e Lindley Cintra (1986) , sem referirem termos específicos , salientam dum modo geral a oposição entre as formas Perfeitas e Mais-que-Perfeitas , por um lado , e as Imperfeitas , por outro.

Muito mais haveria a dizer quanto à forma aspectual do predicador. Assim , para um estudo aprofundado especificamente dos valores aspectuais Frequentativo , Acabado e Inacabado , ver S. Fidalgo Fonseca (1990 : cap. II , secção 3) Tese de Mestrado , Universidade de Aveiro. Sobre a definição formal dos outros valores aspectuais mencionados, ver Mira Mateus et alii (1983 : pp.134-136) .

6 Sobre o esquema relativo a estes dois grupos , ver Mira Mateus et alii (1983 : pp.132-133).

7 Para um estudo aprofundado do sistema aspectual inglês , ver S. Fidalgo Fonseca (1990 : cap. I , secção 4) Tese de Mestrado , Universidade de Aveiro.

8 Quanto às intersecções entre tempo gramatical e aspecto e tempo gramatical , aspecto e modo referidas , ver S. Fidalgo Fonseca (1990 : cap.I , secções 4.1 e 5.1) Tese de Mestrado , Universidade de Aveiro.

9 Sobre o desenvolvimento deste tema , incluindo a referência a diferentes tipos de modalidades , tipos tradicionalmente considerados do ponto de vista lógico e a distinção entre as chamadas modalidades "de re" e modalidades "de dicto" , ver Mira Mateus et alii (1983 : pp.143-148).

10 Lyons (1975) refere um quarto - o modo Interrogativo . Sobre as razões que para isso aponta , ver pp. 307-308 . Por seu lado , Nunes et alii (1981) acrescentam mais dois : o Condicional e o Infinito , que justificam como modos gramaticais ; ver p. 124 .

11 Para informações sobre os modos Imperativo e Conjuntivo aqui não contemplados , ver , por exemplo , Lyons (1975: p. 307 e pp. 311-313 respectivamente)

12 Quanto à especificação das suas ocorrências obrigatórias (em orações subordinadas , orações coordenadas e perguntas indirectas , ver Mira Mateus et alii (1983 : pp.150-151)

Fidalgo, S. (1999). Pontos divergentes entre os sistemas verbais Inglês e Português no que respeita às categorias morfológicas do verbo. *Millenium*, 15

13 Ver quadro ilustrativo das mesmas em Mira Mateus et alii (1983 : p.152) ; ver igualmente a referência feita aos auxiliares de modo ingleses em S. Fidalgo Fonseca (1990 : cap.I , secção 5) Tese de Mestrado , Universidade de Aveiro.